Célestin Freinet e Janusz Korczak, precursores do jornal escolar

Marco Aurélio Sobreiro
Jornalista e Mestre em Comunicação e Mercado (Cásper Líbero)

"Nós não devemos nos acomodar por mais tempo a uma escola centrada no verbalismo, nos manuais, nos manuscritos, no balbucio de suas lições, na caligrafia de seus modelos; estamos em um século marcado pela imprensa, pela imagem fixa e móvel, pelo disco, pelo rádio, pela máquina de escrever, pela fotografia, pela câmera, pelo telefone, pelo trem, pelo automóvel e pelo avião"
Célestin Freinet
(Tradução adaptada de um livro escrito há mais de 30 anos pelo pedagogo francês, *Pour l'école du peuple*. Paris: Maspero, 1969, in Citelli[1].)

[1] CITELLI, Adilson. ***Comunicação e Educação: aproximações.*** in Baccega, Maria Aparecida (org.), Gestão de Processos Comunicacionais. São Paulo: Atlas, 2002, p.101.

O uso do jornal na sala de aula vem ganhando espaço no Brasil. De um lado, existem as iniciativas mantidas por empresas jornalísticas; de outro, uma rede independente de ações realizadas em escolas a partir da iniciativa pioneira de professores, jornalistas e estudantes. Em todos os casos, porém, percebe-se nitidamente a existência de um movimento cujo objetivo é utilizar o potencial dos meios de comunicação, democratizando-os e oferecendo oportunidade de expressão a crianças, jovens e adultos.

Uma destas iniciativas, realizada na cidade de Suzano, na Grande São Paulo, ocorre desde 1996 e foi objeto de estudo do autor, resultando na defesa de uma dissertação de Mestrado na Faculdade Cásper Líbero, em 2004. A principal conclusão do trabalho foi de que ações do tipo atingem seu ápice com a *produção de jornais pelos estudantes*, mais do que com a simples leitura do jornal em sala de aula — principal iniciativa realizada pelos programas mantidos pelas empresas jornalísticas brasileiras, como é o caso do projeto mantido em Suzano.

Um diferencial, porém, marca o trabalho em Suzano: os estudantes participam, uma vez por ano, da confecção de um tablóide e atuam diretamente em todas as etapas de produção — desde a elaboração das pautas até a apuração dos dados, passando pela produção dos textos, das fotos, das legendas e dos títulos. Este trabalho é acompanhado por jornalistas profissionais que orientam os jovens em todo o processo. Para a pesquisa de Mestrado, foram entrevistados os 190 estudantes que participaram do tablóide de 2003, os 5 jornalistas que os orientaram, 4 professores que também acompanharam o trabalho, além de 4 pais cujos filhos escreveram em tablóides — tanto em 2003 como nas edições anteriores. A conclusão foi de que a produção do jornal dos estudantes estimula os jovens, os professores, os jornalistas e os pais por um motivo elementar: permite aos alunos apoderarem-se dos meios de comunicação, dando livre vazão à criatividade.

Para melhor compreender a produção dos jornais escolares, a pesquisa valeu-se do referencial teórico da Educomunicação e do importante trabalho desenvolvido pelo Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da ECA-USP, coordenado por Ismar de Oliveira soares — pilar de referência sobre o assunto, para onde trabalhos do gênero em todo o país convergem de forma natural[1]. E a hipótese de que a produção de jornais feitos pelos estudantes constitui o ponto alto da presença da página impressa na sala de aula (linha posteriormente confirmada) fez com que o trabalho procurasse encontrar, através de um mergulho na história, os precursores desta experiência.

A produção de jornais escolares feitos inteiramente pelos estudantes não é uma tarefa nova. No Brasil, o trabalho do pedagogo francês Célestin Freinet (1896-1966) é bastante conhecido — nas pesquisas acadêmicas que abordam o uso do jornal na educação, a citação do nome de Freinet é unânime, e com total justiça. No entanto, outros educadores também apostaram na imprensa escrita como meio de expressão dos jovens, obtendo resultados excelentes. Um deles é o polonês Janusz Korczak (1878-1942), médico de formação, educador e responsável por um trabalho comovente com as crianças pobres da periferia de Varsóvia. Pronuncia-se seu sobrenome como *Córtchac*.

Tanto Freinet quanto Korczak apostaram no jornal impresso como aliado indispensável no processo educacional. Ambos colocaram em prática seus métodos de trabalho na Europa do início do século XX, a partir da insatisfação com o sistema formal de ensino — considerado arcaico e cerceador da liberdade por ambos. Freinet e Korczak percebiam que as crianças e os adolescentes tinham necessidade de expressar suas idéias, e quando o faziam apresentavam considerável melhora no rendimento escolar. A introdução do jornal impresso no âmbito das salas de aula foi a solução encontrada para dar vazão à criatividade dos alunos. E os resultados mostraram o acerto da decisão.

Há, porém, mais coisas em comum entre estes dois *educomunicadores*. Korczak e Freinet, assim como os estudantes que os cercavam, foram afetados diretamente pelas duas grandes guerras que sacudiram o continente e o mundo na primeira metade do século passado. Os dois sentiram na pele os efeitos da 1ª Guerra Mundial - ambos estiveram nos campos de batalha, embora provavelmente não tenham se conhecido. Já a 2ª Guerra marcou a execução trágica de Korczak — polonês de origem judaica, foi assassinado nas câmaras de gás do campo de concentração de Treblinka pelos nazistas ao lado de cerca de 200 crianças de que cuidava, muitas

[1] - Sobre o tema, ver: SOARES, Ismar de Oliveira. "Comunicação/Educação, a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais", in *Contato*, Brasília, Ano 1, M 1, jan./mar. 1999, p. 19-74. SOARES, Ismar de Oliveira. "Educomunicação: um campo de mediações. In *Comunicação & Educação*, São Paulo, ECA/USP-Editora Segmento, Ano VII, set/dez. 2000, no. 19, pg. 12-24. SOARES, Ismar de Oliveira. "Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação", In *Comunicação & Educação*, São Paulo, ECA/USP-Editora Segmento, Ano VIII, já./abr.. 2002, no. 23, pg. 16-25.

delas certamente autoras de reportagens para jornais escolares. Freinet morreu 21 anos após o fim da 2ª Guerra, em 1966.

A obra dos dois educadores, porém, é imortal. Para este texto, evidentemente, não se pretende analisar o imenso legado deixado por Korczak e Freinet do ponto de vista pedagógico ou mesmo educomunicativo. O objetivo é mostrar apenas uma particularidade que une a atuação de ambos, ou seja, o fato de proporcionarem aos alunos a possibilidade de escrever em jornais feitos com liberdade de expressão e espírito democrático. Chama a atenção o fato de que, no início do século passado, o processo de produção de jornais era consideravelmente mais complexo e trabalhoso do que nos dias atuais. Em comparação com as técnicas modernas de editoração eletrônica e impressão, é possível afirmar, sem medo de errar, que fazer jornais escolares nas primeiras décadas do XX era um trabalho artesanal e desenvolvido por verdadeiros abnegados.

Célestin Freinet (1896-1966)

Célestin Baptistin Freinet *(foto)* nasceu em Gars, um vilarejo localizado no sudoeste da França. Filho de uma família de agricultores, viveu até os 13 anos em sua terra natal, em contato direto com a natureza. Desde os primeiros anos da infância, revelou dificuldades para se adaptar ao sistema educacional francês, como chegou a relatar em suas obras. Durante a adolescência, aos 16 anos, ingressou na Escola de Formação de Professores, em Nice. Permaneceu lá durante dois anos, até que, em 1914, com o início da 1ª Guerra Mundial — a exemplo do que ocorreu com Janusz Korczak — foi convocado para o serviço militar e enviado para combate. Numa das batalhas, Freinet foi atingido por gases tóxicos, o que lhe causaria uma séria lesão pulmonar e comprometeria sua saúde pelo resto da vida.

Sua história na educação começou assim que retornou da guerra. Em 1920, foi nomeado professor-adjunto de uma classe rural na cidade de Bar-sur-Loup, no sul da França. Mesmo sem experiência no magistério, Freinet começou a fazer os primeiros experimentos de seu futuro modelo pedagógico. Avesso ao método tradicional de ensino, procurou aproximar os alunos da natureza e dedicou-se, com eles, ao plantio de flores aromáticas. Esta decisão o fazia se lembrar de sua infância, quando mantinha contato com o meio rural.

O contato com o campo e a liberdade de atuação dos estudantes eram, já naquela época, pilares do incipiente modelo pedagógico de Freinet. Ele notava que eram grandes as dificuldades de enquadrar os alunos ao rigor dos programas, dos horários e do confinamento dentro das salas. A rebeldia dos estudantes tornava-se flagrante principalmente nas atividades que envolviam imobilidade física.

Segundo a professora Maria del Cioppo Elias[2], o trabalho de Freinet ganha força e uma nova consistência a partir do momento em que implanta a chamada Escola do Trabalho (p.24 e 25). O educador e seus alunos procuraram se integrar com os pais e artesãos locais, além de participar ativamente de uma cooperativa encarregada de vender os produtos feitos na aldeia — tanto para o público interno como para o externo.

Ao mesmo tempo, Freinet condenava as instalações das escolas tradicionais, próprias do sistema capitalista e que privilegiavam a acumulação de conhecimentos em detrimento do equilíbrio pessoal e da harmonia social. Para ele, a escola deveria estar intimamente ligada à sua realidade social externa, colaborando em todas as atividades produtivas e integrando os alunos ao contexto histórico em que viviam. Nesta época, Freinet introduziu a imprensa na escola como uma nova atividade entre os alunos. A produção de um jornal pelos estudantes se tornaria um dos símbolos de sua pedagogia. Escreve a autora (Ibid., p.26):

> Em fins de 1924, introduz a *imprensa na escola*, a qual viria a trazer uma mudança de comportamento de professores e alunos, sendo considerada um *novo instrumento* (grifos da autora) pedagógico, de grande rendimento humano e escolar, despertando o interesse de eminentes pedagogos da época. Rompia-se, assim, o círculo do individualismo em que vivia o professor, o que lhe gerava insegurança; lançam-se as bases de um movimento pedagógico fortalecido, integrado e espontâneo, no qual todos participam de alguma forma, contribuindo para a produção de um conhecimento gerado a partir da experiência.

Acreditando no valor da livre expressão entre os alunos e propondo o advento da escola do trabalho, Freinet participa de congressos entre os anos de 1925 e 1927 e consegue demonstrar a importância de seus métodos de trabalho, baseados na produção de material impresso nas escolas. A *Pedagogia Freinet* passa, então, a ser comentada e conhecida, tendo como um de seus elementos não só o jornal impresso, mas também a confecção de revistas.

Nas escolas que utilizam o método Freinet, até hoje, os alunos não apenas produzem este tipo de material, como também trocam os jornais, num processo de correspondência estudantil que fortalece e incrementa a livre expressão. Data de 1927 a criação da revista *La Gerbe* (ramalhete de flores), publicação que até hoje é produzida e lida pelos alunos das classes Freinet.

Mas, na segunda metade da década de 20, a situação de Freinet não era nada fácil. O educador trabalhou em escolas com péssima estrutura, como em Saint-Paul de Vence, teve pedidos de ajuda negados pelo governo e, pior do que isso, viu seu método de ensino ser questionado pelas autoridades de educação francesas. A partir de

[2] ELIAS, Marisa del Cioppo. ***Célestin Freinet: uma pedagogia de atividade e cooperação***. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. Neste livro, a autora relata a história de Freinet e mostra, num texto rico e de fácil compreensão, o funcionamento do modelo pedagógico desenvolvido pelo educador.

1929, o quadro agravou-se: o Ministério da Educação da França iniciou uma sistemática perseguição contra Freinet e sua forma de atuar. Naquele ano, o advento da imprensa na rede pública francesa, porém, já era uma realidade: nada menos do que 100 escolas contavam com jornais próprios e exercitavam o texto livre como mecanismo de aprendizado.

O pedagogo continuou a divulgar sua proposta de ensino, ao mesmo tempo em que a campanha contra ele ganhava corpo. Em 1933, a escola em Saint-Paul de Vence foi submetida a um inquérito pedagógico. Todos os textos impressos pelas crianças foram recolhidos e examinados. Buscava-se encontrar neles um pretexto para, legalmente, qualificar o método de subversivo. Em 21 de junho de 1933, Freinet foi banido do ensino público. Dois anos mais tarde, em 1935, Freinet montou uma escola proletária particular em Vence, onde aprofundou suas técnicas de ensino e amadureceu sua concepção sobre a educação do trabalho.

Em 1939, o início da 2ª Guerra Mundial trouxe sérias consequências para a vida de Freinet — assim como aconteceu com Janusz Korczak. O Partido Comunista foi proibido na França e Freinet, que sempre teve ligações com os ideais marxistas, acabou sendo perseguido e preso, acusado de ser um líder terrorista. Foi levado para o campo de concentração de Saint-Vichy-Maximim, onde permaneceu até 1941. Durante este período, escreveu dois de seus livros — *A Educação do Trabalho* e *Ensaio da Psicologia Sensível Aplicada à Educação*. Com o fim da guerra, Freinet voltou a reivindicar a criação de um novo modelo de escola, voltado para o povo e marcado por uma nova arquitetura pedagógica. Em 1947, o educador criou o Instituto Cooperativo da Escola Moderna (ICEM), uma entidade pedagógica voltada à pesquisa, e dedicou-se a consolidar seu modelo de pedagogia infantil. Durante a década de 50, Freinet trabalhou para divulgar este modelo, ao mesmo tempo em que sua saúde começava a dar sinais de fraqueza — uma consequência dos ataques sofridos durante a 1ª Guerra Mundial.

Freinet morreu em 8 de outubro de 1966, deixando como legado um movimento pedagógico formado por 20 mil adeptos e uma cadeia de jornais com uma tiragem de 500 mil exemplares, distribuídos em mais de 20 países. Nos anos seguintes, seu método ganhou o nome de Pedagogia Freinet e se espalhou por todo o mundo, definindo como pilares o trabalho coletivo, realizado no meio em que se vive, e a livre expressão. Hoje, no Brasil, muitas escolas adotam a pedagogia Freinet e milhares de professores dedicam-se a estudar seu método de ensino, seja em grupos ou em pesquisa acadêmicas.

Especificamente sobre a produção de jornais dentro da escola, Freinet escreveu um pequeno livro, intitulado *Le Journal Scolaire*[3] (O Jornal Escolar), que pode ser considerado um verdadeiro manual sobre como a imprensa escrita deve fazer parte do cotidiano dos estudantes. Em um trecho, o pedagogo destaca a importância da livre expressão e conta como os alunos produzem seus textos. Diz Freinet (p.21):

Nas nossas classes, a criança conta primeiro e, mais tarde, escreve livremente aquilo que sente necessidade de exprimir, de exteriorizar, de comunicar aos que com ela convivem ou aos seus correspondentes. Não escreve uma coisa qualquer. A 'espontaneidade' que tem sido tão discutida não deve ser para nós uma fórmula pedagógica. A criança exprime-se inserida num contexto que nos cabe tornar o mais educativo possível, com objectivos (sic) que devemos englobar nas nossas técnicas de vida.

O pedagogo sustenta ainda que o texto livre seria o substituto natural da tradicional redação produzida dentro da sala de aula. Freinet entende que o texto livre tem como base intelectual o convívio dos alunos com o ambiente em que vivem, sendo, portanto, mais agradável de ser produzido do que as redações — cujos temas são impostos pelos professores. Esta liberdade de expressão assegurada pelo texto livre é também, na visão de

[3] FREINET, Célestin. ***O Jornal Escolar***. Lisboa: Editorial Estampa, 1974. Neste pequeno livro, em edição produzida em Portugal, Freinet faz reflexões teóricas sobre a produção de jornais escolares, fala sobre a necessidade de expressão que os alunos têm e mostra as técnicas de confecção dos periódicos – que incluem verdadeiras aulas de diagramação, composição e impressão.

Freinet, o elemento que assegura a produção do jornal escolar. Segundo ele, os tradicionais jornais escolares não podem sequer ser chamados desta forma justamente por não oferecer liberdade aos estudantes.

Neste ponto, Freinet faz um comentário precioso e que ser levado em conta por todos aqueles que pretendem produzir jornais escolares: "Poderá dizer-se que, apesar de tudo, sempre houve jornais escolares, mais ou menos clandestinos, nos quais os alunos davam livre curso, se não à sua expressão espontânea, pelo menos aos seus ressentimentos contra as limitações e a autoridade da escola. Estes jornais não tinham evidentemente nada de escolares; eram mais precisamente antiescolares". (Ibid., p.18)

Para Freinet, o jornal escolar deve ser produzido inteiramente pelas crianças, desde a confecção dos textos até o processo de montagem das páginas e a impressão. Na época em que concebeu seu método, Freinet dotou todas as escolas de equipamentos gráficos necessários para a execução desta tarefa. Vale ressaltar que, no início do século passado, o jornal impresso era feito com tipos móveis (as letras que formavam as frases) e impresso em máquinas de manuseio complexo, para se dizer o mínimo. Os alunos das classes Freinet, porém, tinham acesso a todos estes equipamentos como parte do projeto de educação do trabalho proposto pelo pedagogo.

Ao adotar o jornal com o principal elemento aglutinador de seu método pedagógico, Freinet dedicou especial atenção à forma como ele seria produzido. Cada etapa de elaboração recebeu orientações detalhadas, que iam desde o melhor modo de montar as páginas até o uso das tintas para impressão. Sobre o formato das páginas, Freinet faz recomendações, ministrando uma aula prática de diagramação (Ibid., p.46):

> Um texto é como um quadro. É preciso que o conjunto seja agradável e repousante Para isso:
> — Os caracteres não devem ser excessivamente pequenos (o corpo 12 é o mais legível); um corpo 10 pode ser pequeno demais, difícil tanto para a leitura como para a composição;
> — Os títulos devem vir em maiúsculas;
> — O texto deve ser entrelinhado, deixando além disso um bom espaço em branco ao alto e embaixo da página;— Sendo possível, deve ter algumas ilustrações e desenhos, a preto ou a cores.
> — Esta preocupação com a composição da página necessita, como se vê, de aplicação e prática. Mas é uma tarefa muito educativa. Dá às crianças o gosto artesanal pelo trabalho bem feito.

Os mesmos detalhes eram definidos para o processo de impressão, que também deveria ser coordenado e realizado pelas crianças. Freinet orienta (Ibid., p.45):

> O jornal deve ser bem impresso. A perfeição da tiragem é uma condição 'sine qua non' do êxito de um jornal, seja qual for, mesmo de um jornal escolar. O material que está actualmente (sic) ao alcance das escolas permite resultados muito satisfatórios que devemos exigir dos pequenos tipógrafos. Deve estabelecer-se como princípio e como regra que só se imprime um texto normalmente composto e sem erros; que a equipa (sic) deve funcionar com a maior aplicação, com uma boa tintagem e uma pressão uniforme. As máquinas automáticas param quando um incidente anormal compromete a tiragem. As crianças deverão parar quando o resultado não está a ser satisfatório.

Além disso, o pedagogo francês já demonstrava sua preocupação com os elementos gráficos que formavam a página impressa. Desde a forma da página até os signos que a compunham (títulos, texto, imagens), tudo deveria ser montado para proporcionar um resultado final visualmente agradável. Freinet compreendia que a produção do jornal pelos próprios alunos era atraente justamente porque permitia aos jovens manusearem estes elementos livremente, exercitando a criatividade.

Janusz Korczak (1878-1942)

Nascido em Varsóvia, capital da Polônia, Janusz Korczak *(foto)* era filho de um conceituado advogado, Józef Goldszmit, e cresceu em uma família rica. Seu nome verdadeiro era Henryk Goldszmit (o pseudônimo Janusz Korczak foi retirado de um romance polonês lido durante a juventude). Avesso à disciplina escolar, passou a infância e a adolescência resistindo às normas da escola russa onde estudou. Foi também neste período que cultivou o hábito de ler as primeiras obras da literatura universal.

O jovem Henryk sonhava ser escritor, mas, por insistência de seu pai, acabaria cursando medicina. Durante a adolescência, no entanto, a figura paterna de Józef Goldszmit tornou-se um marco para toda a sua vida. Uma doença mental levou o pai de Henryk a sucessivas internações, que consumiram todos os recursos financeiros da família. O filho teve de dar aulas particulares durante a juventude para garantir o sustento da casa. Isso o aproximou das dificuldades sociais, fazendo amadurecer seu senso de responsabilidade e sua preocupação com o bem-estar do próximo.

Ao mesmo tempo em que lecionava, Henryk acalentava o desejo de tornar-se escritor. Para isso, participou de vários concursos literários. Os primeiros trabalhos literários foram escritos ainda na escola, como Samóbojstwo (*Suicídio*), em 1895, e uma série de crônicas de humor em 1886. Em 1898, aos 20 anos, participou de uma competição literária com uma peça em quatro atos intitulada Któredy? (*De que Modo?*), a primeira assinada com o pseudônimo Janusz Korczak. Ainda em 1898, no mesmo ano em que iniciou os estudos universitários, Korczak perdeu o pai. Naquela época, acreditava-se piamente que as doenças mentais tinham motivação genética. Atento a isso, Korczak optou por não se casar, evitando constituir uma família e gerar filhos.

A Faculdade de Medicina, cursada na Universidade de Varsóvia, foi concluída em 1905, mesmo ano em que Korczak foi mobilizado e seguiu para a Guerra Russo-Japonesa. Trabalhou em unidades de apoio aos combatentes feridos e enviou correspondência jornalística do front. Retornou da guerra e fez cursos de especialização em Berlim (1907) e Paris (1909), considerados os dois principais centros médicos da época na Europa.

Paralelamente ao trabalho como médico, Korczak nutria profunda preocupação com a educação. Sempre teve grande interesse pela história do pensamento pedagógico. Ao mesmo tempo, preocupava-se com as injustiças sociais, com a falta de oportunidades aos mais pobres, com o abandono das crianças e com os métodos pouco democráticos de ensino vigentes. Estes métodos, aliás, eram frequentemente questionados e até ridicularizados por Korczak em seus artigos.

Durante a especialização médica em Berlim, na qual cursou Pediatria, Korczak aumentou seu interesse pelo universo da criança. Em 1908, fez estágios na área em Paris, Londres e em cidades da Suíça, ao mesmo tempo em que publicava textos criticando a escola tradicional. Observava com atenção o funcionamento dos orfanatos europeus, que considerava arcaicos e semelhantes a prisões. Começava a amadurecer nele a idéia de criar uma estrutura completamente nova e revolucionária para o público infantil.

Em 1910, de volta à Polônia, Korczak auxiliou na montagem de um orfanato em Varsóvia, em um prédio localizado na rua Krochmalna — habitada por judeus pobres da cidade. Os recursos para a compra do imóvel e as reformas foram obtidos junto aos membros mais ricos da colônia judaica. Em 15 de abril de 1912, o orfanato Lar das Crianças foi oficialmente inaugurado. Em 1914, porém, a eclosão da 1ª Guerra Mundial novamente o levou compulsoriamente aos campos de combate, onde chefiou um hospital de campo na Ucrânia. Ali, a presença de crianças com ferimentos de guerra exerceu sobre ele impressão marcante.

Ao reassumir suas funções no Lar das Crianças, quatro anos depois, Korczak colocaria em prática todas as suas idéias para tornar-se nacionalmente conhecido. As crianças, naquele espaço, viviam em uma verdadeira república, organizada sob os princípios da justiça, da fraternidade, da igualdade de direitos e também das obrigações. Estes princípios deveriam estar conjugados com um método de ensino que agradasse aos alunos. E o

jornal seria um dos instrumentos mais importantes para atingir esta finalidade. No livro *Janusz Korczak*[4], os autores Tadeusz Lewowicki, Helena Singer e Jayme Murahovschi mostram que o educador polonês, a exemplo do que acontecia com Célestin Freinet, não gostava dos métodos tradicionais de ensino. Korczak, segundo os autores (p.28),

Criticava o ensino por meio de aulas expositivas, o divórcio entre os currículos escolares e a vida, bem como o excesso de relacionamentos formais entre professores e alunos. Ele reclamava a organização de escolas de que as crianças realmente gostassem, que oferecessem matérias interessantes e úteis e que promovessem relações educacionais harmoniosas. Destacou a necessidade de se criar um sistema de educação holístico, que promovesse a cooperação entre a escola, a família e as várias instituições sociais.

Korczak fez mais do que apenas atacar o ensino tradicional. Ousou montar sua própria escola, que na verdade servia também como abrigo para as crianças — todas elas oriundas da periferia de Varsóvia. Com a ajuda financeira da comunidade judaica, Korczak promoveu uma verdadeira revolução educacional, impressionante e ao mesmo tempo comovente. Batizado de Lar das Crianças, este espaço colocava em prática todos os ideais do educador. E eles não eram simples.

Para alcançar estes objetivos, o Lar das Crianças contava com um conjunto de instrumentos democráticos: o Parlamento (formado por 20 deputados eleitos entre as crianças); o Tribunal (em que todos, inclusive o próprio Korczak, estavam sujeitos à aplicação das leis); o Código Moral (caracterizado pela tolerância e que preconizava o perdão como estímulo para a criança se corrigir); o Conselho Jurídico (também formado pelas crianças e encarregado de formular as leis); o Plebiscito (através do qual todos se manifestavam sobre qualquer assunto); a Caixa de Poupança (que incluía uma caixa de empréstimos); a Cooperativa (que fornecia material escolar e de higiene); a Biblioteca (para empréstimo de livros); e finalmente o Jornal (o órgão oficial de informação da república infantil, no qual trabalhavam educadores e as crianças). Sobre os jornais, os autores comentam (p.75):

A república ainda contava com dois jornais. O primeiro, chamado *A Pequena Supervisão*, era patrocinado por Korczak, que pagava às crianças por sua colaboração, sendo que além da participação dos membros do Lar, o jornal recebia ainda cartas de crianças de toda a Polônia. O jornal oficial, no entanto, era *O Semanário*, que trazia todos os acontecimentos importantes ocorridos durante a semana na república e colaborações de professores e alunos, sendo lido em uma sessão pública todos os sábados.

A respeito do trabalho jornalístico desenvolvido ao lado das crianças, a pedagoga e professora universitária Liana Gottlieb[5] detalha o trabalho desenvolvido por Korczak. Liana conta que o jornal popular polonês *Nasz Przeglad*

---

[4] LEWOWICKI, Tadeusz; SINGER, Helena; MURAHOVSCHI, Jayme. ***Janusz Korczak. Perfil, Lições, O Bom Doutor.*** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), 1998. Neste livro, os autores contam a vida e a obra do médico e educador polonês Janusz Korczak, com ampla bibliografia. O trabalho desenvolvido por Korczak com seus estudantes é mostrado com riqueza de detalhes.

[5] GOTTLIEB, Liana. ***O educomunicador Janusz Korczak.*** Artigo publicado na Revista IMES de Comunicação, São Caetano do Sul, n.3, p.36-45, jul./dez., 2001.

(Nossa Revista) possuía tiragem de 25 mil exemplares em 1920 e convidou Korczak para preparar uma edição infantil. Ele, então, criou o jornalzinho *Maly Przeglad* (Pequena Revista)[2], ao qual se referem os autores no parágrafo anterior. A publicação tinha quatro páginas e, nela, só crianças escreviam para crianças. Os resultados foram positivos e repercutiram em todo o País. Como forma de estímulo, o próprio Korczak garantia uma remuneração aos jovens escritores cujos artigos eram publicados. Sobre esta experiência, afirma a autora: "De toda a Polônia chegavam trabalhos aos milhares: os artigos escolhidos eram pagos por Korczak com seus próprios honorários. Com o mesmo entusiasmo as crianças (e adultos também) ouviam seu programa de rádio 'O velho doutor conversa com vocês': eram histórias com muito humor, como Korczak sabia contar".

---

[2]

[6] Foram encontradas duas traduções para o jornal *Maly Przeglad*: a primeira, que nos parece mais adequada, é *Pequena Revista*, de Liana Gottlieb. Já no livro ***Janusz Korczak. Perfil, Lições, O Bom Doutor,*** o periódico é traduzido como *Pequena Supervisão* (pág. 75).

Liana Gottlieb destaca que esta inter-relação entre Comunicação e Educação, presente no trabalho pedagógico de Korczak, faz dele um *educomunicador* pioneiro. Para Korczak, a comunicação sempre foi compreendida como parte integrante do processo educacional, na medida em que estabelece uma relação direta entre a escola e sua realidade exterior.

Na visão do pedagogo polonês, a existência de um periódico produzido pelos próprios estudantes proporciona um registro histórico da própria instituição, além de ser um veículo através do qual os alunos podem se expressar sobre seus problemas internos ou eventuais novidades que considerem interessantes. É o que afirma Korczak[3] no livro *Como Amar uma Criança* (p.331):O jornal, cuja leitura é feita em voz alta, é o elemento de ligação entre uma semana e outra, como os elos de uma mesma corrente, que estreita os liames da solidariedade entre as crianças, os funcionários e os empregados. Cada nova iniciativa, cada reforma, cada problema que aparece, cada reclamação, encontra imediatamente o seu eco sob a forma de uma nota curta, de um pequeno artigo ou de um editorial.

Levando-se em consideração que o modelo pedagógico de Korczak se encaixa dentro da proposta libertária — marcada pelo anti-autoritarismo e pela auto-gestão dos alunos — , a liberdade de expressão torna-se uma garantia inalienável oferecida às crianças no ato de escrever. E, através do jornal, o próprio educador tem diante de si um parâmetro para analisar sua conduta no processo educacional. Sobre isso, Korczak (p.332) comenta:

> O educador que deseja realmente compreender a criança precisa controlar sua própria conduta, e o jornal se torna um perfeito regulador de palavras e atos, porque é uma crônica viva dos erros que comete e dos esforços que faz para se corrigir. O jornal pode ajudá-lo também a se defender contra eventuais detratores, porque é tanto uma prova de suas capacidades quanto testemunho de suas atividades. Tudo isso faz dele um documento científico de grande valor. Os cursos de jornalismo pedagógico poderão talvez, num futuro próximo, ser inseridos no programa de ensino nas escolas para professores.

3

[7] KORCZAK, Janusz. ***Como amar uma criança.*** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. Neste livro, escrito originalmente em 1915, no *front* da 1ª Guerra Mundial, Korczak dá lições valiosas sobre como compreender as crianças, os adolescentes e, sobretudo, como respeitá-los. A obra ganhou novos comentários do autor em 1929.

O autor sempre reconheceu o jornal como um meio de comunicação capaz de proporcionar o registro histórico da realidade. Por isso, as páginas seriam o melhor refúgio para a descrição de todas as suas inovadoras experiências pedagógicas. E foi isso o que aconteceu. Ao mesmo tempo em que o Lar das Crianças possuía instituições democráticas como um Parlamento infantil, um Tribunal encarregado de fazer julgamentos e um Conselho Jurídico no qual os internos elaboravam as leis da instituição, o jornal funcionava como o documento histórico encarregado de registrar todas as decisões tomadas por estas instâncias — mesmo quando o alvo era o próprio Korczak.

O Lar das Crianças também contava com um jornal específico para o registro de todas as decisões jurídicas internas, a *Gazeta do Tribunal*. Nela, os julgamentos e sentenças eram publicadas para conhecimento de todos. Korczak, por exemplo, foi levado a julgamento várias vezes, e os motivos foram devidamente registrados. Na primeira vez, o pedagogo foi sentenciado por ter puxado as orelhas de um garoto. Na segunda vez, expulsou outro menino de um dormitório.

Na terceira, ordenou que um interno se recolhesse a um canto do orfanato para refletir sobre atos supostamente errados. Um insulto a um juiz rendeu-lhe o quarto julgamento. Finalmente, Korczak retornou ao Tribunal como réu por ter suspeitado que uma menina tivesse roubado. Sobre esta experiência, o pedagogo afirmou que os processos foram a pedra angular de sua própria educação[8]. "Fizeram de mim um educador 'constitucional', que não deixa de fazer mal às crianças porque lhes tenha afeição ou amor, mas sim porque existe uma instituição que as defende contra a ilegalidade, o arbítrio e o despotismo do educador."

Com o início da 2ª Guerra Mundial e a perseguição dos judeus pelos nazistas, Korczak e seus órfãos tornaram-se vítimas do autoritarismo. Em 1942, a Gestapo ordenou a transferência do orfanato para uma casa pequena e suja, no gueto de Varsóvia. Por seu prestígio, Korczak teve propostas de escapar do gueto — todas recusadas. No dia 10 de agosto de 1942, ouviu a ordem de conduzir as crianças aos "trens da morte", que levavam seus passageiros ao extermínio. Recebeu finalmente a proposta de ganhar um salvo-conduto depois de executar a tarefa. Disse não e caminhou com seus 200 órfãos até a composição, que conduziu o grupo para as câmaras de gás de Treblinka, onde todos morreram.

[8] A declaração de Korczak, presente no livro de ***Lewowicki, Singer e Murahovschi*** (p.74), mostra o grau de evolução das concepções democráticas do educador, a ponto de submeter-se de forma igualitária às regras legais existentes e, mais do que isso, de aprender com os julgamentos a que foi submetido.

Conclusão

As histórias de vida de Célestin Freinet e Janusz Korczak comprovam que a presença do jornal no cotidiano das salas de aula não é uma experiência nova. Pelo contrário, trata-se de uma iniciativa que já conta com respeitável tradição prática e teórica. Prática porque ambos produziram muitos jornais com seus alunos, e teórica na medida em que ambos os educadores conseguiram confeccionar, nas primeiras décadas do século XX, jornais escolares a partir de parâmetros conceituais precisos — liberdade de expressão, qualidade técnica e suporte financeiro necessário para assegurar a independência editorial, este último item garantido sempre a duras penas.

Tanto Korczak como Freinet proporcionaram aos estudantes a oportunidade de se apoderarem livremente dos meios de comunicação, experiência que mesmo nos dias atuais, em pleno século XXI, é difícil de ser colocada em prática. No entanto, a pesquisa realizada com os alunos de Suzano mostrou que é exatamente a criação deste ambiente o ponto mais desejado pelos jovens. Trata-se do momento em que os meios de comunicação se democratizam de forma plena, irradiando um sentimento coletivo de cidadania, capaz de atingir também professores, pais e jornalistas que cercam o processo. São os *ecossistemas comunicativos*, que segundo Ismar de Oliveira Soares[9] (p.25) designam:

> A organização do ambiente, a disponibilização dos recursos, o *modus faciendi* dos sujeitos envolvidos e o conjunto das ações que caracterizam determinado tipo de ação comunicacional. No caso, a família, a comunidade educativa, um centro cultural, ou mesmo uma emissora de rádio ou TV podem criar, respectivamente, diferentes tipos de ecossistemas comunicacionais, envolvendo seus participantes e suas audiências, convertendo-se em objeto de planejamento e acompanhamento.

A compreensão teórica do conceito de ecossistema comunicativo é importante para que se tenha noção dos desafios que cercam a produção de jornais escolares — além de experiências desta natureza com rádio e televisão. A criação destes ambientes é, sem dúvida, uma meta cuja concretização demanda organização e trabalho. No entanto, os resultados práticos invariavelmente acabam sendo compensadores. E não há como negar que a evolução tecnológica tem reduzido gradativamente o grau de complexidade desta missão. No caso específico do jornal impresso, a existência de modernas técnicas de páginação e as facilidades encontradas

[9] SOARES, Ismar de Oliveira. ***Metodologias da educação para comunicação e gestão comunicativa no Brasil e na América Latina.*** in Baccega, Maria Aparecida (org.), Gestão de Processos Comunicacionais. São Paulo: Atlas, 2002.

atualmente para a impressão das edições mostram como era árduo — e até mesmo heróico — o trabalho de Korczak e Freinet.

Paralelamente ao aspecto tecnológico, também é necessário destacar que atualmente são cada vez mais comuns as oportunidades oferecidas por escolas, associações de professores, Organizações Não-Governamentais (ONGs) e veículos de comunicação para a produção de jornais escolares. Nestes ambientes, ganha espaço também a figura do educomunicador, profissional que atua no limiar entre as áreas de comunicação e educação e que tem importância decisiva no transcorrer do processo. Experiências bem sucedidas desta natureza podem ser encontradas em vários estados brasileiros, recuperando um pouco do precioso legado semeado por Korczak e Freinet.

Fica a certeza de que o diálogo e o estímulo à criatividade do estudante são pilares básicos sobre os quais se sustenta um projeto desta natureza. Esta relação horizontal no processo educativo é defendida por Paulo Freire[10] em oposição à chamada educação "bancária" ou "autoritária", em que os alunos se transformam em meros depósitos de "comunicados" e reduzem seu potencial criativo, inviabilizando a troca de experiências. A concepção bancária nega o caráter dialógico — e vital — da comunicação. Diz Freire (p.64):

> (...) o pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto, na intercomunicação. Por isto, o pensar daquele não pode ser um pensar para estes nem a estes imposto. Daí que não deva ser um pensar no isolamento, na torre de marfim, mas na e pela comunicação, em torno, repitamos, de uma realidade. E, se o pensar só assim tem sentido, se tem sua fonte geradora na ação sobre o mundo, o qual mediatiza as consciências em comunicação, não será possível a superposição dos homens aos homens.

BIBLIOGRAFIA

CITELLI, Adilson. ***Comunicação e Educação: aproximações.*** in Baccega, Maria Aparecida (org.), Gestão de Processos Comunicacionais. São Paulo: Atlas, 2002.

ELIAS, Marisa del Cioppo. ***Célestin Freinet: uma pedagogia de atividade e cooperação***. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

FREINET, Célestin. ***O Jornal Escolar***. Lisboa: Editorial Estampa, 1974.

FREIRE, Paulo. ***Pedagogia do oprimido.*** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

[10] FREIRE, Paulo. ***Pedagogia do oprimido.*** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOTTLIEB, Liana. ***O educomunicador Janusz Korczak.*** Artigo publicado na Revista IMES de Comunicação, São Caetano do Sul, n.3, p. 36-45, jul./dez., 2001.

KORCZAK, Janusz. ***Como amar uma criança.*** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LEWOWICKI, Tadeusz; SINGER, Helena; MURAHOVSCHI, Jayme. ***Janusz Korczak. Perfil, Lições, O Bom Doutor.*** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), 1998.

SOARES, Ismar de Oliveira. "Comunicação/Educação, a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais", in ***Contato***, Brasília, Ano 1, M 1, jan./mar. 1999, p. 19-74.

SOARES, Ismar de Oliveira. "Educomunicação: um campo de mediações. In ***Comunicação & Educação***, São Paulo, ECA/USP-Editora Segmento, Ano VII, set/dez. 2000, no. 19, pg. 12-24.

SOARES, Ismar de Oliveira. "Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação", In ***Comunicação & Educação***, São Paulo, ECA/USP-Editora Segmento, Ano VIII, já./abr.. 2002, no. 23, pg. 16-25.

SOARES, Ismar de Oliveira. "Metodologias da educação para comunicação e gestão comunicativa no Brasil e na América Latina". in Baccega, Maria Aparecida (org.), ***Gestão de Processos Comunicacionais***. São Paulo: Atlas, 2002.